

# Púcaro romano da Sarnadinha (Vila Velha de Ródão, Castelo Branco)

Mário Varela Gomes<sup>1</sup>

## Identificação

Tivemos oportunidade de observar, graças à amabilidade do Dr. António Miranda, peças de cerâmica da sua vastíssima colecção, entre as quais algumas romanas e, designadamente, a que agora damos a conhecer.

Além da sua excelente conservação, o púcaro em apreço guardava, no interior, pedaço rectangular de papel liso, de cor castanha clara, dobrado em quatro, onde alguém escreveu à mão, utilizando tinta de cor preta, em cinco curtas linhas: *“Concelho de / Vila Velha de Rodam / Sarnadinhas / Propriedade de Manuel Ferraria da margem / do Rio Ocreza.”*

---

<sup>1</sup> Membro da Academia Portuguesa da História e da Academia Nacional de Belas-Artes. Docente do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da U. N. L. (Avenida de Berna, 26C, 1069-061, Lisboa, mv.gomes@fcs.h.unl.pt).

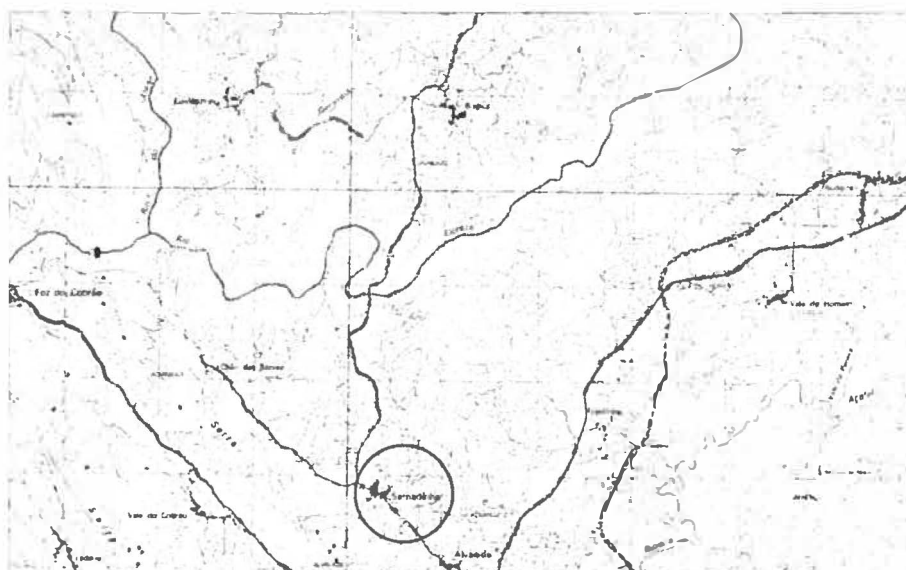


Fig. 1 Localização da Sarnadinha, concelho de Vila Velha de Ródão (seg. a C.M.P., nº 303, S.C.E.P.).

Aquela nota tornou-se fundamental tendo em vista a localização clara da proveniência do recipiente, tal como para datar o período possível do achado, dado o tipo de letra usado e o modo como se encontra escrita a frase poderem reportar-se a meados da passada centúria.

Como há quase quatro décadas que temos vindo a estudar aspectos arqueológicos da região referida, não poderíamos deixar de elaborar esta notícia, sobre mais um testemunho do seu passado remoto.

Cumpramos agradecermos ao Dr. António Miranda a imediata disponibilidade para nos emprestar o púcaro da Sarnadinha, para o desenharmos, fotografarmos e estudarmos, tendo-lhe o mesmo sido devolvido em devido tempo.

#### Localização

A Sarnadinha, ou Sarnadinhas, é povoação pertencente ao concelho de Vila Velha de Ródão, de que dista cerca de 15 km para noroeste. Situa-se na base de encosta nordeste de imponente maciço quartzítico e a escassos 2 km, para sul, da margem esquerda do rio Ocreza.

Desconhecemos onde se localizavam as terras do Sr. Manuel Ferraria, mencionado na nota contida no púcaro. Todavia, julgamos interessante constatar a existência na zona de vários topónimos Ferrarias, aspecto que se deverá ao trabalho ali desenvolvido,

na produção de ferro e de artefactos naquele metal, e de que o patronímico do proprietário acima referido parece reflectir.

#### O púcaro

Trata-se de recipiente inteiro, mostrando apenas pequeníssimas fracturas no bordo, oferecendo corpo de forma quase bitroncocónica, embora de carena muito pouco acusada, o que lhe confere tendência ovóide.

O bordo é ligeiramente extrovertido, baixo, possuindo lábio, muito fino, com secção semicircular.

O colo apresenta forma troncocónica e os volumes mesial e proximal do corpo são em calote, assentando em fundo plano, algo destacado ou em bolacha.

A junção do colo com o volume inferior do corpo foi assinalada por canelura.

Duas asas opostas, com secção oval achatada e sulco a meio da superfície exterior, arrancam de pontos imediatamente abaixo do bordo, são algo sobrelevadas, descrevendo curva quase semicircular e assentam um pouco acima da carena e abaixo da canelura antes referida.

Foi fabricado com pasta muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão finíssimo, ou seja, quase imperceptíveis a olho nu. O nú-

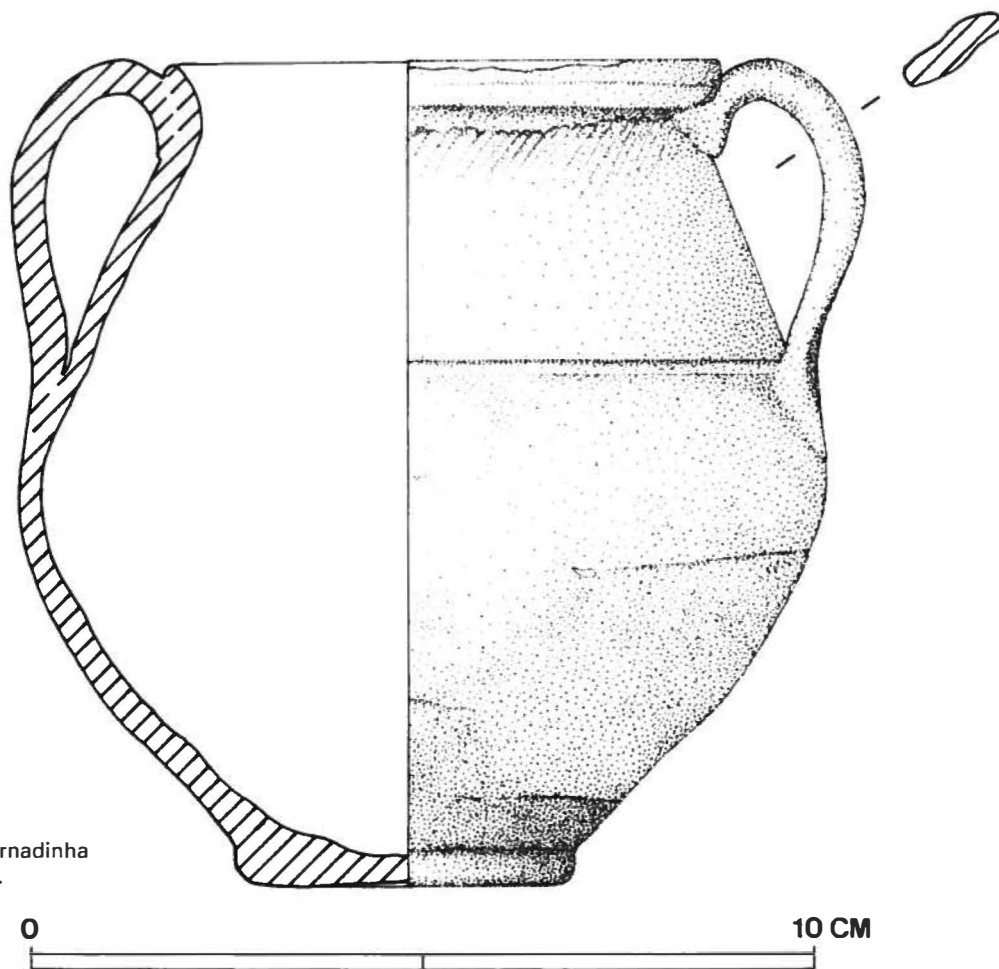


Fig. 2 Púcaro da Sarnadinha (des. J. Gonçalves).

cleo e ambas superfícies das paredes são de cor rosada (10R 6/6)\*, observando-se restos de engobe, de cor vermelha escura, algo acastanhada (10R 5/6), em algumas zonas da superfície exterior, assim como sectores de linhas oblíquas brunidas sobre o colo que, primitivamente, preencheriam toda aquela superfície.

O desaparecimento da quase totalidade do engobe e da ornamentação brunida, pode dever-se tanto ao ambiente ácido das terras xistentas, onde o púcaro esteve depositado quase dois milénios, como à lavagem, feita a quando do seu surgimento ou ulterior, como a ambas causas.

Mede 0,106 m de altura, 0,070 m de diâmetro no bordo, 0,103 m de diâmetro máximo, no volume mesial, e 0,043 m de diâmetro no fundo. As asas

\* Os índices cromáticos referem-se às *Munsell Soil Color Charts* (1975) e, por isso, devem entender-se como aproximados.

possuem 0,015 m de largura e 0,005 m de espessura máxima. A espessura média das paredes é de 0,004 m.

#### Contexto

Desconhecemos as condições em que foi achado o púcaro da Sarnadinha, embora o facto de se encontrar inteiro conduza-nos, desde logo, a pensarmos ter sido recolhido em sepultura. Também é possível que esta guardasse incineração, conforme acontece com recipientes semelhantes, cuja função primária era por eles beber-se água ou vinho, à mesa. Aquela utilização secundária deve explicar as manchas escuras e os restos de terra queimada que ainda observámos no interior do recipiente.

A sepultura poderia encontrar-se isolada ou integrar necrópole, junto a *vicus* ou a *villa*.

As sepulturas de incineração romanas eram,

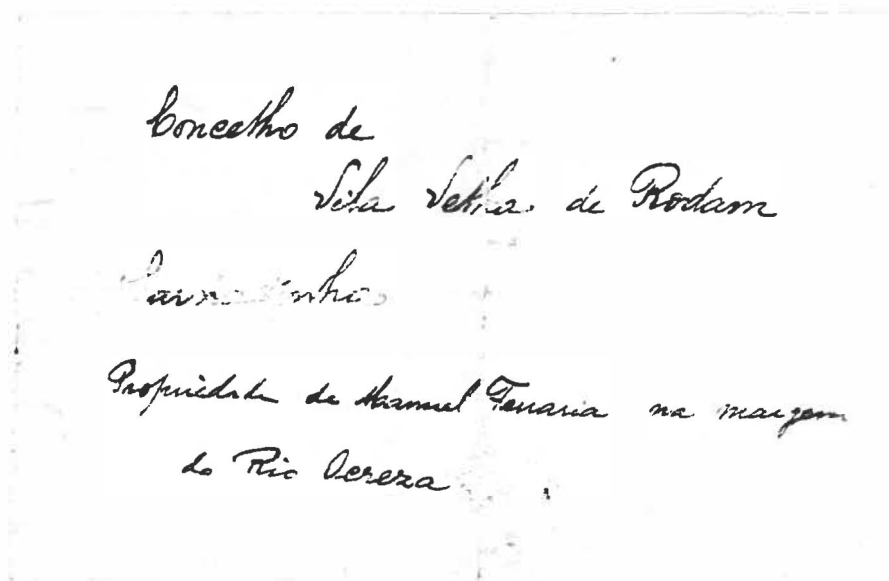


Fig. 3 Verbetes que acompanhava o púcaro da Sarnadinha.

normalmente, constituídas por câmara, aberta na terra ou no substrato rochoso, estruturadas por lajes, blocos de pedra, telhas ou tijolos, sendo cobertas por elementos daqueles mesmos materiais e por terra. Só a câmara assim protegida permitia a conservação do(s) recipiente(s) contendo as cinzas e, por vezes, pequenos objectos que em geral pertenceram ao defunto ou ali foram colocados no quadro da ritologia fúnebre.

Constituem excelentes paralelos para o púcaro da Sarnadinha, como para a possível sepultura a que pertenceu, exemplares da necrópole do Padrãozinho, nos arredores de Elvas (Viana e Dias de Deus, 1955, p. 45, fig. 8). Apesar dos púcaros afins oferecerem, no geral, bordos extrovertidos, pelo menos um dos exumados na necrópole referida possui bordo semelhante ao da Sarnadinha, que J. Nolen (1985, pp. 190, 237) classificou no seu tipo 2C, com cronologia situada entre a segunda metade do século I e os inícios da centúria seguinte, embora tal forma possa ter pervivido até ao século III.

Também procedem das escavações efectuadas em Conimbriga fragmentos de peças formalmente semelhantes à agora publicada, produzidas sobretudo com pastas de cor alaranjada e mostrando decoração brunida, constituída por linhas paralelas, sobre o colo. A sua cronologia, embora incerta, aponta para o Alto Império (Alarcão, 1975, pp. 86, 87, 89, est. XXVII).

O recipiente objecto da presente nota constitui mais uma referência para o estudo da romanização da Beira Baixa e da zona onde foi encontrado, quando a pequena agricultura, a pastorícia e a mineração desempenharam papel económico decisivo para a subsistência das comunidades humanas ali instaladas.

#### Bibliografia

Alarcão, J. de, 1975, *Fouilles de Conimbriga V. La Céramique Commune Locale et Régionale*, Musée Monographique de Conimbriga, Conimbriga.

Nolen, J. V. S., 1985, *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*, Fundação da Casa de Bragança, Lisboa.

Viana, A.; Dias de Deus, A., 1955, *Nuevas necropolis celto-romanas de la region de Elvas (Portugal)*, *Archivo Español de Arqueología*, vol. XXVIII (nº 91), pp. 33-68.